

COLUNA

ÌTÀN NÃO É MITO: O BRASIL QUE SE CONTA SEM FANTASIA NA ACADÊMICOS DE NITERÓI EM 2026, NA HISTÓRIA DE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva¹

Eliezer Gonçalves Cordeiro²

A palavra “mito”, na política recente brasileira, sofreu uma torção perversa. Aquilo que, nas tradições, nomeava uma narrativa fundadora — cheia de ambivalências, contradições e funções civilizatórias — foi reduzido a um slogan pobre, inflado pelo delírio narcísico e pela recusa da realidade. O “mito” passou então a não organizar o mundo mais, passou-o a falsificá-lo. Do ponto de vista psicanalítico, trata-se menos de mito e mais de ilusão. Sigmund Freud já nos alertava que a ilusão não é definida por ser falsa, mas por nascer de um desejo. E o desejo que sustenta o chamado “mito” político contemporâneo é o de um pai autoritário, violento, simplificador — um pai imaginário que promete ordem sem lei e, claro, força sem ética. É o retorno infantil da fantasia de onipotência, travestida de bravata política. É nesse terreno que o enredo da Acadêmicos de Niterói pisa com coragem. Ao anunciar que vai desfazer falsos mitos, a escola antecipa ao (tel)espectador a realização do intento carnavalesco de desmascarar. O Carnaval sempre foi o espaço onde o rei aparece nu, e também gordo, como vemos no caso do rei Momo, onde o poder é ridicularizado.

¹ Mestre em Artes (UERJ); Doutor em Educação (UFRRJ); Professor adjunto da UERJ, lotado no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira.

² Mestrando em Educação (UFRRJ); Professor substituto da UERJ, lotado no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira.

O título que a escola escolheu — *Do alto do mulungu surge a esperança: Lula, o operário do Brasil* — já desmonta a ideia de “mito falso” como ornamento vazio. Ele aloca a narrativa na experiência de vida, com olhos na dureza e na alegria de crescer no agreste pernambucano. O mulungu aparece logo no nome sendo objeto lembrado como o alto de um lugar onde a criança observava o mundo e onde a promessa de futuro começou a ganhar forma. Em Pernambuco, Mulungu se refere primariamente a uma árvore medicinal nativa, amplamente reconhecida e utilizada na cultura e no saber popular do estado, especialmente no interior e nas áreas de influência da Caatinga. Trata-se de uma árvore que se destaca por suas vistosas flores vermelho-alaranjadas e é natural de biomas presentes na região, como a Caatinga e áreas de transição para o Cerrado. Sua fama, no entanto, vem das propriedades terapêuticas atribuídas à sua casca e raízes. Na medicina tradicional pernambucana e nordestina, o Mulungu é principalmente empregado na forma de chás ou preparados como um potente calmante natural, utilizado para aliviar ansiedade, estresse, agitação nervosa e insônia. Também é comum seu uso como analgésico para dores e cólicas, e como hipotensor auxiliar no controle da pressão arterial.

No samba-enredo, a letra guia a gente pela infância difícil — “no choro de Luiz, à luz de Garanhuns” — e pela paisagem seca que moldou os primeiros passos fora da pobreza. Vemos uma família que sai para São Paulo nos termos rudes de uma migração que fez história real e não fantasia épica. Ainda no enredo, a escola introduz imagens de luta brasileira, tais quais a de Zuzu Angel, Henfil, Wladimir Herzog e Rubens Paiva — nomes que atravessam os anos e os conflitos sociais — lembrados junto com versos que falam de fome, de conquista de direitos e de trabalhadores que colocam comida na mesa. A escola de samba escolhe falar de Luiz Inácio Lula da Silva, mas não só dele... Dona Lindu, a mãe de Lula, aparece falando em nome de um país inteiro, ela, a mãe que carregou os filhos pelas estradas da vida, encarna um Brasil profundo que o samba recupera sem artifícios de liderança messiânica. A letra, em vez de pedir devoção cega, coloca perguntas concretas como “Quanto custa a fome? Quanto vale a vida? Nosso sobrenome é Brasil da Silva.” Esse percurso — do agreste ao sindicalismo no ABC paulista, da ditadura à presidência — não é um conto de

fadas, e sim um cálculo de forças, de feridas e de escolhas que moldaram um sujeito histórico. O enredo inclui o sofrimento e as derrotas com a mesma clareza que enuncia vitórias e sonhos.

Quando a gente fala sobre a história do movimento sindical no ABC e o papel do Lula, a gente precisa entender que essa não é uma história de ações individuais, pois trata-se de um processo de construção coletiva que mudou o Brasil. Vou tentar traçar para você o que foi construído nesse período crucial, desde as greves até a formação do PT, tocando no ponto do Partido Comunista Brasileiro (PCB) que jamais pode figurar fora da narrativa por fazer parte basilar dela. O palco principal foi a série de greves entre 1978 e 1980 no ABC Paulista, num contexto de ditadura militar e arrocho salarial. Lula era então presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, eleito com 92% dos votos em 1975. O que começou em 1978 na Scania de São Bernardo, com operários pedindo 20% de aumento, o que subiu depois, explodiu em 1979 em uma greve geral de 200 mil trabalhadores que paralisou gigantes como Volkswagen, Ford, Mercedes-Benz e Scania. A repressão foi feroz, tendo tropas de choque, cavalaria e até intervenção federal nos sindicatos. Mas a estratégia era diferente. Ao invés de um sindicalismo pelego (subserviente ao Estado), nascia o Novo Sindicalismo, focado na mobilização da base, na independência frente ao governo e na ação direta nas ruas e nas portas das fábricas. A grande conquista material da greve de 1979 foi um reajuste de 63% (os trabalhadores pediam 78%), a maior vitória salarial da época. Mas o legado foi muito maior: o movimento transformou o ABC no centro político do país e se tornou uma força crucial no enfraquecimento da ditadura.

E onde entra o Partido Comunista Brasileiro? Bem, a relação é interessante e de mútuo aprendizado, mas não de direção ou controle. O próprio contato inicial de Lula com o movimento sindical veio através de seu irmão, Frei Chico, que era militante do PCB. O PCB, com sua tradição de organização operária, era uma referência, inclusive para cristãos católicos militantes, em resposta àqueles “teólogos” gauche – mas não no sentido drummoniano – que dizem que não há compatibilidade entre ser cristão e ser de esquerda. A História

prova e o diz totalmente o avesso. No entanto, o Novo Sindicalismo propunha um caminho distinto. Ele buscava romper com o modelo de sindicatos atrelados ao Estado (seja pelo governo ou por estruturas partidárias tradicionais, como o próprio PCB almejava influenciar). A ênfase era na autonomia e na ação a partir das fábricas. Portanto, podemos dizer que houve uma influência e uma confluência de militantes, mas a liderança do movimento no ABC, com Lula à frente, construiu uma identidade e uma prática política própria, que depois seria a base para algo novo. O verdadeiro edifício que o movimento construiu vai além das greves vitoriosas. Foram instituições que moldaram a democracia brasileira.

O Partido dos Trabalhadores (PT), fundado em 10 de fevereiro de 1980, a partir da necessidade sentida na luta sindical de ter representação política própria, era a materialização da ideia de que os trabalhadores precisavam de seu próprio instrumento na esfera partidária. A Central Única dos Trabalhadores (CUT), fundada em 1983, tornou-se a maior central sindical da América Latina, aglutinando a nova força sindical que brotou das greves. Em resumo, o movimento liderado por Lula no ABC foi muito mais do que uma luta por salários. Foi um processo que reconstruiu a organização operária a partir das bases, criou instituições poderosas como PT e a CUT, a partir do diálogo com o PCB, e devolveu aos trabalhadores um papel central na luta pela redemocratização do país. A relação com o PCB foi parte do caldo de cultura dessa formação, mas o caminho que se abriu foi autônomo. Ocupando a Sapucaí na primeira noite de desfile do Grupo Especial, a Acadêmicos de Niterói desenhará um painel em que a política aparece em carne e osso — com nomes, lugares, dificuldades e escolhas — e não como um slogan pronto para consumo, sem história profunda, como intentou fazer o ex-presidente e condenado pela Justiça por tentativa de Golpe de Estado, Jair Messias Bolsonaro. E justo por isso a história ganha uma textura mais densa, mais próxima de vidas reais do que de “mitos” inventados no varejo da promoção política. Lula vale uma nação, e por isso vale um grande enredo!!! Vamos à letra do samba:

*Eu vi brilhar a estrela de um país
No choro de Luiz, a luz de Garanhuns
Lugar onde a pobreza e o pranto
Se dividem para tantos
E a riqueza multiplica para alguns
Me via nos olhares dos meus filhos
Assombrados e vazios com o peito em pedaços
Parti atrás do amor e dos meus sonhos
Peguei os meus meninos pelos braços
Brilhou um Sol da pátria incessante
Pro destino retirante te levei Luiz Inácio
Por ironia, treze noites, treze dias
Me guiou Santa Luzia, São José alumiou
Da esquerda de Deus Pai, da luta sindical
À liderança mundial.
Vi a esperança crescer e o povo seguir sua voz
Revolucionário é saber escolher os seus heróis
Zuzu Angel, Henfil, Wladimir
Que pagaram o preço da raiva
Nós ainda estamos aqui
No Brasil de Rubens Paiva
Lute pra vencer, aceite se perder
Se o ideal valer, nunca desista
Não é digno fugir, nem tão pouco permitir
Leiloarem isso aqui, a prazo, à vista
É, tem filho de pobre virando doutor
Comida na mesa do trabalhador
A fome tem pressa, Betinho dizia
É, teu legado é o espelho das minhas lições
Sem temer tarifas e sanções
Assim que se firma a soberania*

Sem mitos falsos, sem anistia

Quanto custa a fome, quanto importa a vida

Nosso sobrenome é Brasil da Silva

Vale uma nação, vale um grande enredo

Em Niterói o amor venceu o medo

Olê, olê, olê, olá

Vai passar nessa avenida mais um samba popular

Olê, olê, olê, olá

Lula, Lula

(Acadêmicos de Niterói, 2026)